Elites culturais em uma escola confessional

Cultural Elites in a faith-based School

Isabel Lelis (PUC-Rio)

Artur Guilherme Carvalho da Motta

Maria das Graças de Arruda Nascimento

*Rosemary Freitas dos Reis**

Resumo

O trabalho tem o objetivo de analisar as relações entre uma parcela das elites culturais cariocas e uma escola confessional, sendo o campo de estudo uma instituição que ocupa um lugar importante no imaginário da cidade do Rio de Janeiro, identificada até um determinado momento de sua história como uma escola de vanguarda, de "filhos de artistas e intelectuais". Cotejar, de um lado, algumas das condições sob as quais as famílias escolheram essa escola (perfil sociodemográfico dos pais, práticas culturais dos filhos), seus critérios de escolha, de certa forma, indicadores de seus projetos educativos, e, de outro lado, os modos de existir da instituição, expressos nas representações (missão institucional) e práticas pareceu um caminho fértil na medida em que permite mostrar o encontro entre expectativas das famílias daqueles setores e a escola naquilo que ela tem para oferecer.

* Doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio.

Abstract

Our work analyses the relationships established between a part of Rio de Janeiro's cultural elites and a faith-based school. Our fieldwork was carried out in an institution that has an important place in the imaginary of the city of Rio de Janeiro, a school that was up to a certain point in its history seen as an *avant-guard* school, associated with the "children of artists and intellectuals". We would like to contrast on the one side, some of the conditioning factors that led families to chose this school for their children (parental socio-demographic profile, children's cultural practices) their school selection criteria, which to a certain degree, act as indicators of their educational projects, and, on the other hand, the institution's different modes of being, expressed in its self-representations (such as its institutional mission) and practices. This line of inquiry has turned out fruitful since it allows us to show how family expectations from that sector of society converge with what the school is able to offer.

Ao longo dos últimos anos cresceu o interesse pelo estudo da escolarização das elites entre os pesquisadores do campo da Sociologia da Educação. Seja partindo das famílias, seja examinando as escolas, os trabalhos têm em comum a preocupação em pensar a relação entre *habitus* familiar e *habitus* escolar, os processos de transmissão do patrimônio social cultural e econômico pelas famílias e seus impactos na escolarização da prole (Nogueira, 2002; Carvalho, 2004).

Especificamente quando se parte da escola há um conjunto de trabalhos, voltado para a análise dos processos de produção da qualidade de ensino daquelas instituições (Brandão, 2003; 2005; Lelis, 2003), recorrendo-se ao mapeamento do perfil sociodemográfico das famílias, alunos e professores, às suas práticas culturais, às trajetórias escolares, às características administrativas e pedagógicas dos estabelecimentos, às dinâmicas de ensino-aprendizagem operadas no ambiente institucional.

Na perspectiva de pensar a relação entre escolarização e estratificação social, Almeida (2002, 2004) contribui ao tomar a escola das elites como um espaço de aprendizagem da diferença, integrando-a no quadro dos processos de construção das desigualdades educacionais.

No nosso caso, a preocupação tem sido a de mapear as práticas pedagógicas em escolas que gozam de prestígio na cidade do Rio de Janeiro e seus impactos no modo como os estudantes vivem o seu ofício¹. Trata-se de pensar as lógicas de funcionamento dessas instituições que atendem a camadas médias e setores das elites, articulando-as aos projetos educativos das famílias desses segmentos.

Neste texto, nossa intenção é a de analisar as relações que se estabelecem entre representantes das elites culturais cariocas e uma escola confessional, sendo o campo de estudo, uma instituição que ocupa um lugar

¹ Duas foram as pesquisas desenvolvidas nos últimos anos: O ofício do aluno e o sentido da experiência escolar (2001-2003) e Entre famílias e escola, a força da avaliação professoral (2003-2005), ambas financiadas pelo CNPQ.

importante entre as grandes escolas da cidade, identificada como de "vanguarda" até um determinado momento de sua trajetória.

Interessa-nos cotejar, de um lado, algumas das condições sob as quais as famílias escolheram essa escola (perfil sociodemográfico dos pais, práticas culturais dos filhos), os critérios de escolha dessas famílias, de certa forma, indicadores de seus projetos educativos, e, de outro lado, os modos de existir da escola para esse grupo social, expressos na missão institucional e nas suas práticas. Com isso se espera mostrar o encontro que ocorre entre as expectativas das famílias daqueles setores e a escola naquilo que ela tem para oferecer.

Buscando caracterizar a situação das escolas particulares na cidade do Rio de Janeiro, Oliveira (2004) afirma que duas características marcam o quadro dessa rede: por um lado, os dados do INEP/MEC revelam uma demanda crescente pela rede privada de ensino através das matrículas efetivas nos últimos três anos e, por outro lado, a busca pelo ensino de "qualidade" não livra as escolas particulares dos riscos impostos pela queda no poder aquisitivo da população brasileira, refletida nos casos de inadimplência, evasão de alunos, acirrando a concorrência entre as escolas da rede privadas. Em outubro de 2003, um jornal de grande circulação entre camadas médias e altas da sociedade carioca publicou duas grandes reportagens. A primeira refere-se à transformação nos currículos das escolas identificando a tendência dos grandes colégios da cidade do Rio de Janeiro de estarem inserindo esportes radicais (rapel, alpinismo, skate, mergulho, vela, remo, esgrima, arco e flecha, etc) como atrativos para os alunos. Apenas os esportes tradicionalmente encontrados nos currículos (vôlei, natação, etc) parecem não dar conta da luta concorrencial entre as escolas disputadas (p.100) A segunda matéria traz uma relação de instituições tradicionais da rede privada que estão fechando as portas dando espaço para o crescimento de escolas com uma visão mais empresarial.

Analisando os dados do Cadastro de Escolas da Educação Básica - Censo Escolar/INEP, essa autora encontrou na zona urbana do município do Rio de Janeiro 1272 escolas particulares, número que vem superar o das instituições públicas na mesma região da cidade (965 escolas do âmbito municipal, 116 do âmbito estadual e 13 escolas federais, totalizando 1094 escolas mantidas pelo poder público). Em que pese este quadro, quando passamos ao número de matrículas vamos encontrar, em 2003, 215.430 alunos matriculados em escolas particulares no ensino fundamental, sendo que na rede pública esse número chega a 590.578 alunos (op.cit.).

Esses dados são sugestivos do mercado educacional no Rio de Janeiro e encerram uma diversidade de ofertas existentes na rede privada, tanto no que se refere às propostas pedagógicas como nas opções de serviços, de recursos materiais e humanos, atividades extra-classe (Oliveira, 2004, p.102).

Um pouco da história da instituição

O colégio *Àgora*² situa-se em um bairro da zona sul da cidade do Rio de Janeiro, zona residencial ocupada ainda hoje por grandes mansões, casarios e conjuntos de prédios de apartamentos.

Nessa região, no século XVII estabeleceram-se os colonizadores, atraídos pelas boas terras e pela beleza exuberante das matas virgens. No início, é um bairro de chácaras rústicas que serve ao abastecimento da cidade, com verduras, laranjas sendo carregadas em carros de boi até a praia para serem levadas de canoas aos cariocas (Gerson, 2000). Mais tarde, já no século XIX, as chácaras se transformam em grandes propriedades e sobrados, moradias de nobres, médicos notáveis e políticos ilustres.

² Na tentativa de garantir o anonimato estaremos nos referindo à escola onde realizamos o estudo, no decorrer deste texto, por Escola *Àgora*. Esse nome foi inspirado no termo que denominava as praças das antigas cidades gregas, onde se reuniam, muitas vezes, as assembléias do povo.

Atualmente, a região conta com grandes prédios públicos, escolas, hospitais, igrejas, instituições de ensino superior, restaurantes, bares, supermercados, em que pese a especulação imobiliária, a partir da década de cinquenta, tenha levado a uma descaracterização do bairro.

Nessa geografia, está o Agora, localizado em prédio com 4 andares, quadras de esporte, laboratórios de informática, de línguas, laboratório de ciências, de química, duas bibliotecas (uma com 35000 volumes), salas de música, auditório para 300 pessoas, com instrumentos musicais, acústica, salas de aula amplas com ar refrigerado³.

Essa instituição ocupa um lugar importante no imaginário da cidade por ter acolhido, na década de sessenta, professores perseguidos pela ditadura militar. São ex-alunos do colégio, políticos, atores, escritores, músicos, profissionais de grande reconhecimento na vida cultural da cidade e do país.

O colégio foi fundado em 1959 por uma congregação religiosa, cuja história no Brasil esteve sempre vinculada à educação das camadas favorecidas da sociedade. Nas palavras de Padre J, um de seus idealizadores, nasce para ser uma escola das elites já que "os ricos não teriam tempo para educar seus filhos".

Sem recursos para a construção do prédio onde a escola iria funcionar, Padre J lembra do movimento em torno à criação de uma associação de ex-alunos de escolas da congregação religiosa, que aglutinou pessoas importantes como Austregésilo de Athayde, Dom Helder Câmara, Brigadeiro Gomes. Em entrevista concedida à revista da escola, comemorativa dos 40 anos da existência do colégio, Padre J conta da mobilização efetuada:

No almoço de fundação de ex-alunos, realizado no jornal O Globo, pedi ao presidente JK, que estava presente, uma verba de Cr\$ 20 milhões para o projeto. Disse a ele que se me garantisse esse dinheiro, eu imediatamente garantiria o colégio construído dentro de dois anos. Ele

³ Nesse espaço, o colégio atendia, no ano de 2004, a 1800 alunos, distribuídos entre o ensino fundamental e o ensino médio. À noite, o colégio mantém, desde 1974, o curso de jovens e adultos no nível fundamental (supletivo de primeiras séries do ensino fundamental)

aceitou, mas entre a promessa e a concessão do empréstimo, percorri um longo caminho.

Inicialmente eram 350 alunos em regime semi-interno, sendo essa jornada justificada pela necessidade de garantir aos estudantes uma formação integral. Para além da instrução, a escola naquele momento tinha entre suas finalidades a educação das boas maneiras (o saber se portar bem, o comer com educação).

Se à primeira vista pode parecer que a instituição estava fadada a ser um colégio de padres, destinado a meninos, de caráter conservador, sua arquitetura já sugeria uma perspectiva de vanguarda seja nos materiais usados, seja na própria concepção de prédio escolar, como se pode ver nas observações do arquiteto que o projetou:

Projetamos o corredor para o lado de fora da rua e fechamos parte da parede com tijolinho, de forma a garantir a ventilação e filtrar um pouco o ruído. Em outra parte deixamos totalmente aberto, para que os alunos não se sentissem sufocados, completamente isolados da rua... Planejamos fazer um grande auditório em que todos pudessem se ver de qualquer ponto, facilitando a comunicação entre os alunos. Para isso, ele não poderia ter colunas. E assim isso foi feito... No projeto original, um colégio sem muros.

Na trajetória do colégio, Padre V, que foi o segundo diretor da escola, em outra seção do mesmo número da revista, destaca que a instituição ao resistir ao autoritarismo do pós 64 e ao "golpe no golpe", representado pelo Ato Institucional número 5 de 1968, foi avalizando uma pedagogia de caráter comunitário, porta aberta para a participação ativa e para o surgimento de lideranças entre os professores, qualificando-os para papéis maiores na partilha de responsabilidades.

O fato de ter acolhido professores perseguidos pelo golpe de 64 exerceu um papel fundamental no desenvolvimento dessa pedagogia de cunho comunitário pois nela aqueles professores encontraram o espaço de liberdade necessário para os questionamentos à nova ordem implantada no país.

Para padre V, a leitura pessoal que a comunidade do Agora fez dos documentos do Vaticano II e, posteriormente, dos encontros do episcopado latino-americano em Medellín (1968) e em Puebla (1979) a colocaram definitivamente como uma escola de vanguarda. Trata-se, segundo o depoimento do coordenador geral, da primeira instituição católica no Rio de Janeiro a praticar a chamada "educação libertadora", o que acabou por levá-la a questionar os privilégios econômicos e sociais das mesmas elites que freqüentavam seus bancos.

A mudança da clientela não tardou a acontecer: as famílias pertencentes às elites econômicas passam a buscar outras instituições de ensino, enquanto o Agora vai se tornando a escola de filhos de artistas e intelectuais.

Em final de 1983, o colégio vive uma crise provocada pela demissão de um grupo de 41 professores. Alunos e suas famílias fazem uma vigília durante mais de vinte dias na frente da instituição no sentido de reverter o processo de demissão junto à direção do colégio o que acaba não acontecendo. As implicações não tardam a acontecer. Um conjunto numeroso de famílias retira seus filhos da escola (cerca de 395 alunos), acompanhando os professores demitidos, transferindo-se para uma escola privada de caráter comunitário em bairro próximo a escola Ágora.

Em que pese este fato representar, naquele momento, uma cisão entre famílias e direção do colégio, e um realinhamento filosofia da instituição, a crise não chega a abalar a sua credibilidade.

No imaginário da cidade, permanece uma imagem de escola associada a uma certa cultura institucional nos termos colocados por Cucho (1999), isto é, uma forma de racionalização da posição ocupada e um meio para se distinguir das outras escolas.

Quando Almeida (2002) afirma, estudando um colégio para a elite paulista, que o problema básico é pensar como a instituição define fronteiras, organiza

experiências sociais, constrói uma imagem de excelência compartilhada, de sentimento de pertencimento a um grupo nos dá uma chave de análise para compreender o *ethos* do colégio, engendrado no curso de sua trajetória.

As famílias e os alunos do Agora

A escola Agora está situada em bairro nobre da zona sul da cidade do Rio de Janeiro, sendo que um pouco mais da metade dos alunos da oitava série⁴ é moradora neste bairro. Aproximadamente 25% dos alunos residem em locais próximos como Botafogo, Humaitá, Copacabana, Leme, Flamengo e Jardim Botânico. Apenas 6% são moradores de bairros mais distantes do colégio.

Esses adolescentes são oriundos de famílias pouco numerosas com até dois filhos (63%) sendo que cerca de 19% são filhos únicos, sendo este tipo de ação típica de frações das camadas médias que buscam concentrar os recursos de que dispõem na educação de poucos filhos.

Quando passamos ao tipo de família ao qual pertencem, verificamos que 62% são de famílias nucleares pois entre as demais predominam situações de unidades domésticas onde moram mães e filhos (95%). Cerca de 11% são de famílias recompostas.

Essas famílias possuem um alto capital escolar. Senão vejamos: A maioria dos pais possui escolaridade de nível superior, sendo que este índice chega a 94,9% para os pais e 92,6% para as mães. Pesquisando famílias de primeira e quinta série do ensino fundamental dessa mesma escola, Oliveira (2004) assinala ter encontrado entre os avôs dos alunos um percentual razoável entre os que possuem formação universitária (46% dos maternos e 40% dos paternos; 30% as avós maternas e 26% as avós paternas), expressando a presença de mais de uma geração com nível superior.

⁴ Os questionários foram aplicados na escola a 136 estudantes da oitava série do ensino fundamental.

Com relação à renda mensal bruta, verificamos que essas famílias representam uma parcela das altas classes médias cariocas pois na época em que o questionário foi aplicado cerca de 43% dos pais situavam-se na faixa acima de trinta salários mínimos⁵ distribuídas nas seguintes faixas: 14,7% entre 30 e 40 salários mínimos, 14,7% entre 40 e 50 salários mínimos, 7,3% entre 50 e 60 salários mínimos e 6,4% recebendo mais de sessenta salários mínimos por mês. Cerca de 26% dessas famílias dizem ter entre dez e vinte salários mínimos e 17%, entre vinte e trinta salários mínimos mensalmente. Apenas 6% dizem ter renda abaixo de 10 salários mínimos.

Quando passamos à situação profissional dessas famílias, o que vamos encontrar é o predomínio maciço de profissionais com nível superior, sendo que parcela significativa dos pais exerce uma profissão que corresponde ao estrato ocupacional alto. Em ordem de grandeza temos 50% dos pais atuando nas áreas de Engenharia, Arquitetura, Direito, Medicina, Economia, Informática, sendo que 12,5% enquadram-se na categoria de dirigentes e empresários com curso superior. Os demais exercem um leque diversificado de ocupações no ramo da Indústria, da Agropecuária, do Comércio, da Educação. Entre as mães, a situação se altera na medida em que vamos encontrar o maior contingente de 33% distribuindo-se entre as áreas de Engenharia, Medicina, Economia, Direito, seguida por 22,8% na área de Educação e 11% trabalhando como psicólogas/terapeutas. Cabe destacar que cerca de 9,5% dos pais e 6,4% das mães consideram que a Arte seja sua principal ocupação profissional, percentual pouco significativo se considerarmos a representação que durante muitos anos envolveu essa instituição, identificada como "colégio de artistas e intelectuais".

De qualquer modo, todas essas condições nos permitem afirmar que as famílias dos alunos caracterizam-se por seu pertencimento às chamadas "classes

⁵ O valor do salário mínimo era de R\$ 240,00.

superiores" correspondendo às análises já encontradas na literatura sobre este grupo social (Almeida e Nogueira, 2002; Brandão, 2005 entre outros).

Quando passamos às práticas culturais, concordamos com Brandão (2005) quando afirma, em seu estudo, que os filhos parecem seguir e ampliar as experiências dos pais.

Metade desse grupo de adolescentes viajou para o exterior nos últimos três anos e quase a totalidade (93,4%) para dentro do Brasil no mesmo período. A língua inglesa é em parte dominada por esse grupo de alunos, o que pode ser explicado pelo alto percentual de estudantes que freqüenta cursos dessa língua (cerca de 83,5% dos alunos fazem curso de língua estrangeira e desses, apenas três não cursam inglês.) Para a professora de inglês da turma de oitava série, esse domínio se deve às diferentes oportunidades de estudo (escola, cursos...) além do acesso constante a canais de TV a cabo, a vídeos, à internet, ao computador, às revistas e às oportunidades de viagem, incluindo constantes intercâmbios.

Essa facilidade acaba por provocar, na perspectiva dessa professora, um descaso em relação à disciplina oferecida no colégio, sinalizando para uma atitude *blasé* desses estudantes para com a aprendizagem da língua inglesa, exatamente por já deterem um conjunto de capitais que independe do trabalho da escola.

A segunda atividade com a qual esses estudantes mais se ocupam fora da escola é o esporte. Cerca de 83% desses adolescentes praticam regularmente um ou mais esportes, sendo que a preferência recai sobre o vôlei, seguido dos esportes aquáticos, do tênis, do futebol e do basquete. Mas há ainda um grupo significativo de alunos (aproximadamente 38,5%) que se ocupa regularmente com atividades artísticas e culturais, fora da escola. Dentre esses, a maioria participa de atividades ligadas à música ou à dança.

Todas essas atividades evidenciam a presença de uma estratégia desenvolvida pelas elites e camadas médias de transmitir a seus filhos um tipo de

capital - cultural, importante indicador de distinção social. Por outro lado, essas atividades promovem a ampliação da circulação social e o reforço das redes de sociabilidade dos estudantes.

Quanto aos hábitos de leitura, verificou-se que um número significativo dos estudantes dos alunos considera que ler é importante e que não apresenta dificuldades nessa área. Lêem preferencialmente e-mails e sites (68%), seguidos de livros de ficção e jornais (40% o fazem regularmente), revistas (22,1%) e livros de não ficção (18,7). Não se restringem ao que é indicado pelo Colégio e 34% dos alunos diz que adora ir a uma livraria ou biblioteca. Essa percepção é compartilhada por alguns professores em suas entrevistas:

Um dos grandes prazeres de trabalhar aqui é exatamente isso: os alunos estão inteiros na sala de aula...tem uma média de 89 a 90% de pessoas com o livro inteiramente lido, no momento pedido, no decorrer...Alguém lê em cima da hora, isso é comum (Prof. D).

São alunos que viajam, fazem visitas culturais, freqüentam cinemas, teatros, lêem. São bons leitores. Então você tem uma estrutura assim de conversa que é bastante...interessante, no caso, sobretudo, na área humana, de História (Prof P).

Se esses depoimentos podem estar sugerindo uma correspondência entre as estratégias educativas das famílias e o trabalho pedagógico realizado por esse tipo de instituição, há uma questão que merece ser objeto de reflexão: refere-se à rapidez na conquista por informação que os jornais e os e-mails enquanto suportes de leitura garantem aos jovens das altas classes médias, diferentemente da cultura letrada dos livros. Em relação à leitura do texto eletrônico, Chartier (2001) afirma que faltam estudos sobre seus usos, suas práticas, seus impactos sobre as tarefas mas que sem dúvida alguma a composição eletrônica é difundida sem mediações, sem intermediários, podendo o leitor transformar imediatamente o texto recebido por um autor (p.153).

Quando passamos às atividades culturais realizadas com freqüência, as preferências recaem sobre assistir TV e ouvir música (94,8%), seguidas dos

jogos de computador (75,6%), sendo o cinema, o shopping, a praia e shows buscados quase sempre por cerca de 28% dos jovens. Dentre os menos escolhidos estão a ópera, o ballet ou o concerto de música clássica (76% nunca escolhem esse tipo de programa). Muito poucos freqüentam museus e galerias de arte (4,4%). A ida a teatros é realizada algumas vezes por aproximadamente metade do grupo (42,2%). Quanto ao uso do computador, a totalidade dos alunos o utiliza regularmente com finalidades variadas: jogos, música, bate-papo, pesquisa na internet e digitação de trabalhos escolares.

Em trabalho realizado sobre a escolarização de filhos das elites acadêmicas, professores universitários de universidade privada de prestígio na cidade do Rio de Janeiro, Brandão e Lelis (2003) chegam a resultados semelhantes quando afirmam que entre as práticas de lazer desses professores destacaram-se a caminhada em áreas públicas, o cinema, ida a restaurantes. Essas preferências não corresponderiam às descritas para as elites culturais tradicionais. Dizem as autoras:

os consumos culturais das elites de elevado capital cultural precisam ser reavaliados entre nós porque as preferências culturais descritas por Bourdieu como sinais de "distingão" na sociedade francesa dos anos sessenta não parecem dar conta dos padrões de práticas culturais que traçamos com base no material coletado pelo nosso *survey* e pelas entrevistas com alguns sujeitos da pesquisas (p.522).

Podem, na verdade, estar expressando a crescente influência das mídias, da cultura de massa, da cultura jovem sobre os padrões de consumo cultural dos grupos dominantes. O fato da arte erudita não parecer ser tão central na vida cotidiana dos filhos das elites sugere a necessidade de buscar outras referências de análise que dêem conta de uma relação mais contextualizada com a cultura, seja ela letrada ou de massa entre as altas classes médias (op.cit).

De qualquer modo, por todas as características acima mapeadas essas famílias e seus filhos ocupam na estratificação brasileira uma situação privilegiada, pertencendo aos estratos superiores segundo o Critério Brasil (IBGE).

Por deterem um conjunto de capitais escolheram o Agora a partir de um conjunto de motivações que certamente expressa valores, estilos de vida, em que pese o fato da escolha da escola pelas famílias estar correlacionada ainda a outros fatores como a imagem do estabelecimento, os projetos educativos, a apreciação de chances futuras e mesmo características pessoais dos filhos.

Das famílias ao colégio *Ágora*: os motivos de escolha⁶

Cresceu nessa última década no âmbito da sociologia da educação o interesse por estudar os processos que envolvem a escolha da (melhor) escola para seus filhos pois há clareza de que esses processos representam uma estratégia educativa importante de tornar mais rentável o projeto educativo dos pais.

Em revisão de literatura sobre essa temática, Nogueira (1998), recorrendo a perspectivas diversas, chama a atenção para a verificação empírica de que as famílias de diferentes camadas sociais não são equipadas das mesmas condições do ponto de vista cultural para efetuar uma "boa escolha" do estabelecimento escolar para os filhos, sendo os critérios utilizados marcados por condições que variam de um contexto ao outro.

Trabalhando com autores ingleses e franceses,⁷ a autora mapeia tipos de escolha, relacionando-os à variável grau de instrução/ profissão dos pais no sentido de evidenciar a relação existente entre posição das famílias no espaço social e as estratégias de que lançam mão os pais.

Entretanto, a problemática da escolha não deve ser explicada apenas a partir das condições sócio-econômicas das famílias pois uma série de variáveis entra em jogo como valores religiosos e pedagógicos, projetos de vida

⁶ Na pergunta sobre o motivo da escolha do colégio, a ordem dada aos pais foi a de marcar 3 itens. A ponderação foi feita considerando-se cada 3 marcações, valendo 1 ponto. A partir daí, foi feita a proporcionalidade.

⁷ Na revisão de literaturatura ,os autores selecionados por Nogueira (1998) foram Stephen Ball, Sharon Gewirtz e Richard Bowe (Inglaterra) , François Héran, Gabriel Langouet e Alain Leger, Robert Ballion (França).

conformando preferências ou gostos por este ou aquele estabelecimento (Nogueira, 1998).

Se no passado, a definição por determinada escola para os filhos não se colocava como um problema, dada a relativa homogeneidade dos sistemas de ensino, hoje, as famílias vêm-se desafiadas a gerenciarem os processos de definição do projeto educativo para os filhos dada a superação crescente de modelos rígidos de educação, emblemáticos há décadas atrás. A complexificação dos sistemas de ensino (público e particular) corresponde uma diversificação das demandas das famílias em torno a aspectos como a exigência de sucesso escolar e social, o imperativo de realização pessoal do filho largamente estimulado por uma cultura psicanalítica crescente (op.cit).

Nesta direção, a opção por colocar um filho em uma escola representa uma tomada de posição das famílias, ativa no sentido de ajustar valores, idéias, crenças do campo escolar e social às particularidades do filho do ponto de vista de suas características individuais e pessoais.

Observando as respostas obtidas no questionário elaborado pela escola e aplicado às famílias, percebemos que predominaram alguns fatores sobre outros na escolha desse estabelecimento de ensino.

Dentre os diferentes motivos elencados, destacaram-se para 58,9% das famílias a **filosofia da instituição**, para 50,5% a **proposta pedagógica**, e, para 29% **os métodos pedagógicos**.

Considerando que o *Ágora* ocupa um lugar destacado no ranking de aprovação para as universidades de prestígio da cidade do Rio de Janeiro, foi significativo o fato de que a **excelência acadêmica** tenha sido um fator indicado por 25% das famílias. Como essas famílias são portadoras de alto capital escolar e informacional como vimos acima, uma hipótese pode estar em uma relação mais descontraída com a escolarização dos filhos, o que não quer dizer que não lancem

mão de estratégias tendo em vista auferir lucros materiais e simbólicos (Bourdieu, 1980).

Nos termos colocados pela literatura internacional, esse tipo de família seria a mais capacitada para escolher a escola para os seus filhos, pela posse de diferentes tipos de capital e capacidade de discernir entre as opções existentes no mercado escolar (Oliveira, 2004). Constitui um grupo que se rege por "condutas avaliatórias" (Ballion, 1982) por privilegiar características educativas e pedagógicas na escolha da escola de seus filhos.

Mas há ainda outros aspectos que precisam ser trazidos. Para Oliveira (2004) a imagem pública do colégio Agora, construída ao longo de sua trajetória, é a de uma escola que tem como finalidade oferecer aos alunos uma formação humanística e crítica. Sua missão institucional, é a de desenvolver, junto às crianças e jovens, projetos sociais tendo em vista a preparação de "líderes sociais" para transformar o mundo, tornando-o mais fraterno e solidário. Essa imagem pública certamente impactou o processo de escolha de uma parcela desses pais, representantes das elites intelectuais cariocas.

Com isso queremos chamar a atenção para o fato de que a proposta pedagógica da instituição é fator que pesou na escolha da escola para essas famílias, estando-se suposto aí as questões relativas à qualidade de ensino, métodos etc. Mas não se trata de uma proposta que se encerra no pedagógico do ponto de vista estritamente técnico. O pedagógico inscreve-se no âmbito do social e articula-se à missão da instituição, em tudo o que ela carrega na sua história.

Entretanto, não bastaria a uma fração dessas famílias, conhecimentos específicos para ter acesso a determinados posições sociais dominantes, mas também relacionamentos com pessoas com uma formação cultural semelhante à sua. Nesse sentido, 13% dos pais indicaram como critério de escolha o item **recomendação de amigos**, sinalizando para a força da rede social de relações,

do capital social, conquistado por um trabalho de instauração e manutenção de relações duráveis e úteis. Mas ao capital social deve ser associada a presença de capital escolar/informacional o que significa dizer que essas famílias são impermeáveis à propaganda divulgada pela mídia ou prospectos, própria de frações menos equipadas destes tipos de capital. Enquanto portadoras de capital cultural valorizam a busca seletiva de informação, recorrendo a seus grupos de referência, fontes privilegiadas de conhecimento e reconhecimento

Considerando que o colégio assumiu o compromisso com a educação libertadora de maneira mais radical após a reunião do Episcopado Latino-Americano em Medellín, traduzindo a sua proposta pedagógica em uma perspectiva de formar agentes para a transformação social e, vem reatualizando essa proposta desde 1968, é compreensível que **valores religiosos** tenham pesado apenas para 7,5% dos pais. Apesar de estarem em um colégio católico e 74% dos alunos da oitava série professarem essa religião (cerca de 22% dizem não professarem religião alguma) apenas cerca de 30% dos católicos se dizem praticantes. Ou seja, o catolicismo na sua forma mais tradicionalista não parece ter tido força junto a esse grupo social na escolha da escola.

Em escala também menor fomos encontrar ainda o **clima de liberdade** da instituição escolhido como motivo para 16,8% de pais, **ação solidária junto aos pobres** para 14%, **engajamento político dos alunos** para 15,9%, razões que, de um modo ou de outro, sinalizam para o compromisso da escola em trabalhar com os alunos a luta por qualquer forma de desigualdade e opressão.

Entretanto, de modo análogo ao que encontramos em termos da confessionalidade católica, é insignificante (2%) a participação dos estudantes em movimentos sociais e políticos, fora da escola, tais como associação de moradores, comitês de cidadania etc. Entre os pais, essa participação também é pequena: cerca de 16% dos pais e 10% das mães participam de sindicatos e associações profissionais, comitês de cidadania, partidos políticos.

É possível que as famílias que disseram ter escolhido a escola pela oportunidade de participação política dos alunos estejam depositando nela a possibilidade dessa realização e desse desejo, visto que os projetos sociais constituem um dos eixos nucleares do projeto institucional como já foi assinalado antes. Uma hipótese é a de que por filosofia da instituição, já se estivesse contemplando os itens acima assinalados.

A este dado, deve ser assinalado o fato de que uma parcela das famílias que hoje busca o Agora não é a mesma de décadas passadas. Segundo um coordenador da escola, parte das famílias, apesar de portadora de capital escolar tem para com a instituição uma relação de custo-benefício, de compra de serviços.

Finalmente uma parcela das famílias também assinalou, entre os motivos que pesaram na escolha, a **proximidade da residência** (30,8%). Considerando que no Rio de Janeiro, a política de transportes não tem conseguido equacionar o problema dos deslocamentos da população entre as zonas sul, norte e oeste da cidade, comprometendo a qualidade de vida de seus habitantes, não é de estranhar que uma fração expressiva dos pais leve em conta aspectos práticos como forma de tornar mais produtiva a escolarização de seus filhos, através da racionalização do uso do tempo, tanto para pais como para as crianças e jovens.

Mas a este dado, deve ser acrescentado também o tempo que esses pais e mães passam em casa. Senão vejamos: mais da metade (cerca de 53%) das mães que moram com seus filhos passa acima de oito horas diárias fora de casa e outras 17% ficam fora de seis a oito horas por dia. Cerca de 24% das mães se ausentam por até seis horas diárias, configurando o grupo das que trabalha em regime de "meio expediente". Dentre os pais que moram com seus filhos, a ausência é mais significativa: cerca de 68% passam mais de oito horas fora de casa, sendo que para 9% dos pais esse tempo é superior a catorze horas.

Aproximadamente 24% dos pais ficam fora de seis a oito horas e apenas 8% se ausentam por um período de até seis horas por dia.

Com essa alta carga horária semanal de trabalho, é compreensível que uma parcela das famílias tenha valorizado aspectos funcionais⁸ como a proximidade da escola de suas residências já que possui disponibilidade limitada para gerenciar o monitoramento do traslado casa-escola-casa.

Se através desse mapeamento, algumas pistas foram sugeridas sobre os projetos educativos das famílias de altas classes médias, expressos nos critérios de escolha da escola para seus filhos, Almeida (2002) nos dá uma chave para pensar as instituições escolares como espaços onde são construídas as diferenças entre os grupos sociais quando afirma:

as famílias ,instadas a delegar a educação de seus filhos ao sistema de ensino e tendo por referência um espaço escolar diferenciado, procurarão (de maneira intencional ou não) aquelas instituições que melhor correspondam aos valores e visões de mundo que professam. Essa idéia , por sua vez, pressupõe que cada instituição educacional seja portadora de um estilo mais ou menos visível, isto é capaz, em maior ou menor grau, de ser percebido e capaz de falar à imaginação dos jovens e de suas famílias. Um estilo que seria tributário tanto na história da instituição e da imagem que os seus fundadores construíram para ela, quanto do destino social reservado aos alunos que formou.

O Colégio Agora: entre práticas e representações

A forma de aparecer e existir do colégio *Ágora* está na sua missão, nos seus projetos, na sua pedagogia mas também em manifestações simbólicas, visuais . Sua reputação construída desde o final dos anos 50 e aprofundada no contexto do Vaticano II representa um capital simbólico de que dispõe, necessário, porque passível de demarcar diferenças em relação a outras instituições de prestígio do Rio de Janeiro.

⁸ Trata-se para Ballion de condutas domésticas ou funcionais que se relacionam com questões de ordem prática (mensalidade, proximidade da casa)

Uma primeira marca que o diferencia aparece nas falas de muitas professoras e relaciona-se à forte crítica ao conteudismo, em que pese o fato das suas práticas, de seus estilos de ensinar se assemelharem a de muitas outras escolas (e serem até conservadoras quando se trata da avaliação). Trata-se de um ideário pedagógico que se apóia no desenvolvimento de competências e habilidades que levem em conta a autonomia individual, a iniciativa do aluno bem como na defesa do valor da pesquisa, do caráter coletivo do trabalho pedagógico, de um novo *aprender a conhecer* por parte do aluno.

É significativa a imagem que a coordenadora da escola faz do estudante do Agora e as prioridades da escola em matéria do trabalho a ser realizado:

O aluno do Ágora não é pedagogicamente o primeiro. Mas o aluno é aquele mais questionador, é aquele mais reflexivo. Eu canso de escutar as pessoas dizerem: ah, mas logo vil! Aquele trabalho que ele fez é [...] característico. Nossa preocupação é formar um aluno capacitado para fazer as transformações que consideramos necessárias para a sociedade se transformar [...]. Há sempre uma preocupação dos pais que colocam os filhos aqui [...] a maioria vai se dirigir para a universidade...eles têm a preocupação com os resultados do vestibular, mas essa não é nossa prioridade [...] claro que um aluno bem formado vai se sair bem [...] mas não trabalhamos aqui em função do vestibular [...].

A essa característica se acrescenta uma outra: a valorização e oferta de atividades extra-classe como componente fundamental do trabalho desenvolvido na instituição: Essa valorização se realiza, ao longo do ano, de muitas maneiras: em feiras, oficinas, visitas, excursões, palestras, trabalhos de pesquisa⁹. O fundamento dessa linha de ação está na preocupação da instituição em ampliar o espaço da sala da aula, para que nele possa se desenvolver a criatividade, a produtividade do aluno.

⁹ Merece registro o trabalho de conclusão da oitava série que consistiu na elaboração de uma monografia sobre Baía da Guanabara. Sob a orientação de um professor cada aluno realizou uma pesquisa, tendo como objeto de pesquisa o recorte daquela temática.

Para a escola, o desenvolvimento de *uma estética da sensibilidade*¹⁰ com os estudantes devolve ao âmbito do trabalho escolar, dos deveres, da rotina cotidiana, (dimensões tradicionalmente austeras) alegria, curiosidade, inquietação.

Associado a essa questão, está também o estímulo às atividades de caráter cultural como o teatro, o coral, o rádio, a ilha de edição para documentários, concursos literários, os grêmios.

Na perspectiva de valorização da produção cultural dos alunos, a *estética da sensibilidade* é uma dimensão do trabalho pedagógico e tem em vista promover a crítica às formas estereotipadas e reducionistas de expressar a realidade como também reconhecer e valorizar a diversidade cultural brasileira

Analisando a pedagogia progressista e moderna de uma escola da elite paulista, Almeida (2002) afirma que "tem-se um trabalho pedagógico voltado para a valorização das disposições criadoras que balizam a ocupação de posições de controle e autonomia no espaço de produção" (p.146).

Um terceiro traço, não menos importante relaciona-se aos projetos sociais assumidos pela instituição junto aos alunos e suas famílias, professores, funcionários. Esses projetos representam *uma política de igualdade de direitos*¹¹, centrada na luta pela igualdade de oportunidades à educação, à cultura, ao emprego, ao meio ambiente saudável e a outros benefícios sociais.

Para a coordenadora pedagógica, este eixo é nuclear pois encerra a possibilidade de promover, junto aos alunos, uma reflexão sobre a democratização dos bens sociais.

Traduz-se em uma ação pastoral que se expressa na manutenção de uma creche, localizada em uma favela, próxima à escola, no apoio ao curso de jovens e

¹⁰ Essa expressão representa um dos objetivos do trabalho da escola - do aprender a fazer..

¹¹ Trata-se do objetivo de levar os alunos a uma aprendizagem da convivência.

adultos, na abertura da escola à comunidade nos fins de semana e em um sem número de ações pontuais para populações carentes.

Fazem parte ainda dos projetos sociais da escola a mobilização de campanhas sobre temas do cotidiano da cidade do Rio de Janeiro como por exemplo o da despoluição da Baía da Guanabara, o do desarmamento, o da violência do trânsito, etc.

Todo esse conjunto de ações tem em vista o desenvolvimento de disposições no aluno para uma intervenção futura na sociedade. Eis a fala da coordenadora a este respeito:

o objetivo da escola mesmo é atingir essa classe, que é uma classe que está instalada socialmente. Então,, sabendo que o trabalho está voltado para uma classe que vai poder interferir,que provavelmente estará no comando da sociedade e poderá ter um perfil de buscar essas mudanças.

Para a coordenadora pedagógica esse tipo de trabalho teria ainda a intenção de reeducar as famílias, já que houve algumas mudanças no tipo de clientela que hoje busca o Agora.

São pessoas que estão viajando para fazer compras , que utilizam o dinheiro de forma consumista e é nesse nível que buscamos estar questionando esses valores. São pessoas até que têm, como posso dizer, que têm dentro de si talvez intenções boas, vontade de que as coisas sejam melhores na sociedade, mas que não estão muito instrumentalizadas para isso e a escola pode, de uma certa maneira, mobilizar essa classe.

Para padre D,diretor geral da escola, todas essas iniciativas têm como objetivo "remar contra a correnteza", construir uma contracultura via trabalho educativo com os filhos de setores das elites cariocas.

Uma outra marca que ajuda ainda a diferenciar o Agora especialmente quando cotejado a escolas mais tradicionais está na informalidade do clima da escola. Essa informalidade se manifesta na sala de aula, nos corredores, na sala de professores. Sinais dessa informalidade podem ser encontrados nas

adaptações que os estudantes fazem do uniforme, na ausência de batina entre os religiosos, no barulho e agitação dos estudantes nas classes, quadras e cantina.

Analisando a revista publicada pela Associação de Pais e Mestres desde a sua criação, o que vamos notar, é a necessidade da instituição "recordar o passado", dar a voz a ex-alunos, reafirmar valores. Os artigos de cunho artístico, cultural, filosófico e sócio-político perpassam temas os mais diversos indo desde sexualidade e drogas a matérias sobre famílias e grandes personagens que o marcaram.

As imagens que ex-alunos guardam são de um trabalho competente, seja na qualidade do ensino ministrado, seja na capacidade de ser sensível às questões postas pela realidade. Eis o depoimento de um ex-aluno, hoje diplomata em Londres, 40 anos, e que é também crítico literário e ensaísta:

O professor H era excelente no ensino de português, com muita ênfase na literatura brasileira, sobre os quais eu publiquei no Suplemento Literário de Minas Gerais, uma das minhas primeiras resenhas na imprensa [...] O professor A transmitia com vigor sua visão crítica sobre História do Brasil e também sobre História das Américas [...] o Agora reunia muita gente inquieta com a realidade do país. O colégio também promovia discussões sobre temas polêmicos- reforma agrária, liberação sexual, jornalismo engajado [...] o Agora contribuiu para indicar a importância do intelectual na sociedade.

Finalmente, há ainda uma característica relativa aos professores da escola. Constituído por um o corpo docente extremamente qualificado do ponto de vista dos títulos acadêmicos, imerso nessa instituição há muitos anos e gozando de uma situação profissional privilegiada, todas essas condições conferem ao Agora o sentimento de uma "comunidade de cultura, uma cumplicidade prévia nos valores o que só acontece quando o sistema escolar está lidando com seus próprios herdeiros" (Bourdieu, 1998).

Para Carvalho (2004), os professores formariam parte ativa da tradição de algumas dessas escolas, reforçando o compromisso institucional com o

conhecimento e a coesão interna em torno dos valores da escola, malgrado a deterioração atualmente verificada do prestígio profissional da categoria (p.114).

Diferenciando-se de "empresas educacionais" e "empreendimentos pedagógicos" ¹² o *Ágora* vem responder aos desejos de parcelas das elites cariocas propondo-se uma formação integral, baseada em valores humanistas, sem perder de vista a necessidade de integrar socialmente seus alunos à sociedade, sendo o eixo da proposta educativa deste tipo de escola a formação de líderes (elites) e futuros profissionais competentes nas diversas áreas (op.cit.).

Em que pese o fato de ter deixado de ser a escola de "filhos de artistas e intelectuais", o *Agora* permanece no imaginário da cidade do Rio de Janeiro como uma escola que faz toda a diferença, se comparada a outras instituições privadas confessionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, A. Um colégio para a elite paulista. In: ALMEIDA, A.; NOGUEIRA, M A (Org.). *A escolarização das elites Um panorama internacional da pesquisa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

ALMEIDA, A.; CANEDO, L.B.; GARCIA, A.; BITTENCOURT, A. *Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras* Campinas: Editora Unicamp, 2004.

BOURDIEU, P. *Le sens pratique*. Paris: Minuit, 1980.

¹² Carvalho (2004) criou uma tipologia para caracterizar as instituições escolares privadas a partir do caráter confessional ou leigo e da explicitação da proposta institucional na Internet. Chegou a seguinte classificação: "empreendimentos institucionais" correspondem ao conjunto das escolas confessionais, mantidas por uma congregação religiosa e que se propõe formação humanista e religiosa, ênfase na excelência acadêmica aliada a disciplina como parte da tradição da escola; "empresas educacionais" são estabelecimentos leigos de médio ou grande porte, sendo a ênfase posta nas instalações e recursos tecnológicos; possuem várias filiais;" "empreendimentos pedagógicos", geralmente fundados por educadores e pela articulação dos elementos dos dois discursos, valorizam o êxito alcançado no vestibular e o atendimento às necessidades dos alunos; freqüentemente são escolas médias com até 1000 alunos.

BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M A e CATANI, A (Orgs.). Pierre Bourdieu *Escritos de Educação*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

BRANDÃO, Z. (et ali). *A escolarização das elites: rendimento escolar do mundo natal*. Rio de Janeiro. Departamento de Educação Puc-Rio, 2003.

BRANDÃO, Z et ali. *Elites escolares. O que mudou em termos de capital cultural?* SOCED/PUC-Rio, 2005.

BRANDÃO, Z e LELIS, I. Elites acadêmicas e escolarização dos filhos In: *Educação e Sociedade*, vol 24, n83, p.509-526, 2003.

CARVALHO, C. P. *Entre as promessas da escola e os desafios da reprodução social Famílias de camadas médias do ensino fundamental rumo à universidade*. Tese de Doutorado. Puc-Rio, 2004.

CHARTIER, R. *Cultura escrita, literatura e história* Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

CUCHE, D. *A noção de cultura nas ciências sociais* São Paulo: Edusp, 1999.

GERSON, B. *História das Ruas do Rio*, Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2000.

LELIS, I. A escolha da escola por pais professores universitários In: BRANDÃO, Z e LELIS, I *Trajetórias Escolares e Socialização Familiar* SOCED/Puc-Rio, 2000.

LELIS, I. *Entre famílias e escola: a força da avaliação professoral*. Rio de Janeiro, Departamento de Educação/Puc-Rio, 2002.

NOGUEIRA, M. A. A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias: ação discreta da riqueza cultural In: *Revista Brasileira de Educação*, n 7, jan-abr, p.42-56, 1998.

NOGUEIRA, M. A. Estratégias de escolarização em famílias de empresários In: *A escolarização das elites Um panorama internacional da pesquisa* Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

OLIVEIRA, C. G. *Diga-me com quem andas e eu te direi quem és. A escolha da escola como estratégia de distinção*. Dissertação de mestrado, Puc-Rio, 2004.

PASTORE, J; VALLE SILVA, N. *Mobilidade social no Brasil*. São Paulo: Makron Books, 2000.